

Cinema: Mulher que inspirou 'Eu tu eles' elogia 'Andrucho' • 2

19 JUN 2000

SEGUNDO CADERNO

Arquitetura: Polêmica é a marca da Bienal de Veneza • 8

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2000

Saraminda e o senador

Distante da política e cada vez mais entregue à literatura, Sarney fala com paixão de seu novo livro

ENTREVISTA

José Sarney

José Sarney vive em estado de graça desde que entregou à editora Siciliano, há três semanas, os originais de seu novo romance, "Saraminda" (289 páginas), que será lança-

do em agosto. É do livro, e mais ainda de sua protagonista, que Sarney fala com paixão de criador mesmo aos que o procuram no Senado para tratar de política. Entre as pesquisas e a redação final, foram quase três anos de trabalho árduo, interrom-

pidos pela campanha eleitoral de 1998. Sarney faz mistério sobre o nome do diretor, mas "Saraminda" acaba de receber uma proposta para virar filme. Nesta entrevista, ele fala do livro e da dualidade escritor/político.

Gustavo Miranda/18-08-98



SARNEY CRIOU um personagem feminino forte e de grande sensualidade, que se candidata a um lugar eterno na literatura: uma mulher que tinha prazer com os homens sem jamais se entregar totalmente

Tereza Cruvinel

O GLOBO: Como anda o seu confesso conflito entre a literatura e a política? O novo livro é sinal de que o escritor ganhou mais espaço em sua vida?

JOSÉ SARNEY: A literatura sempre esteve comigo na política. Meus discursos e escritos políticos sempre buscaram a beleza da expressão e da oratória, a beleza das palavras, a beleza de escrever. Mas o escritor foi muito prejudicado por isso. Além de não ter tido tempo para me ocupar mais da literatura, enfrentei preconceitos. No início foi difícil fazer com que me vissem como escritor. Era percebido apenas como um político, até porque este tem sempre mais visibilidade. Mas estou satisfeito com o que produzi. Posso dizer que desde o "Norte das águas", lançado em 1969, mantive-me fiel à vocação de escritor. Foi um livro muito bem recebido, teve grande sucesso, levou-me à Academia Brasileira de Letras, ou seja, só me trouxe alegrias. Antes, escrevi dois romances que joguei fora.

• Como se chamavam?

SARNEY: "Manhã de agosto" e "Major Sertório". O primeiro era um livro de juventude, do gênero literatura engajada, que acabei achando que era mais denúncia social do que literatura. Joguei fora. "Major Sertório" eu escrevi em meio a muita atividade política, aos saltos, em longos intervalos. No fim, achei que não tinha unidade, não merecia publicação. Depois publiquei muitos textos políticos, ensaios e conferências, mas persistia a exigência de escrever romances. Como o tempo era

curto, escrevia muitos contos, alguns ainda inéditos. Estava escrevendo "Dez contos de alagação", histórias de pescadores, aliás, quando percebi que não conseguia sair da primeira história. E foi assim que nasceu "O dono do mar".

• "O dono do mar", como "Saraminda", bebe muito no imaginário, lendas e mitos populares. Qual é a distância entre realidade e ficção em seu trabalho?

SARNEY: Eu sempre trabalhei com as fontes populares, com a oralidade. Acho que o romance acabou se tornando muito introspectivo e individualista, a partir do surgimento do romance psicológico. A literatura afastou-se da fonte dos grandes escritores, desde Homero. A riqueza da cultura popular é que faz da literatura latino-americana um sopro de renovação. A Europa é um continente cansado, exaurido em sua imaginação. A minha técnica de escrever tem sido esta. Parto de uma história completa, ficcional, com personagens definidos, meio e fim. O meio da história é que será depositário da pesquisa histórica ou antropológica, abrigará arquétipos do folclore e do inconsciente coletivo. A ficção absoluta é interessante mas não é a minha técnica.

• O ritmo e a linguagem de sua narrativa, muito peculiares já em "O dono do mar", consolidam-se em "Saraminda". É uma busca?

SARNEY: De fato, a construção da linguagem é uma obsessão em meu trabalho. O ritmo da linguagem popular é inteiramente diferente da linguagem erudita, tem um encanto

"As palavras têm vida, elas se multiplicam, têm momentos de grande esplendor e de decadência e depois desaparecem. Gosto de garimpá-las"

próprio, está na raiz da própria origem da língua portuguesa. Resgatar essa linguagem é um desafio, na medida em que o escritor deve obediência à norma culta da língua. Mas é possível resgatar o ritmo e a cadência desses falares, superando a dificuldade, sem violar a língua formal. Tenho também uma preocupação especial com a semântica. As palavras têm vida, elas se multiplicam, se modificam, têm momentos de grande esplendor e de decadência, entram em desuso e depois desaparecem. Gosto de garimpar palavras. Coletei mais de 60 verbetes para o dicionário Aurélio no Maranhão. O padre Vieira gostava de dizer que não falava português, falava a língua do Maranhão.

• Saraminda, sua protagonista, muda a vida dos homens que cruzam o seu caminho. E na sua literatura, o que ela muda?

SARNEY: Saraminda é um personagem feminino de imensa força psicológica, um ser humano mergulhado em dúvidas e descrenças, uma mulher que tinha prazer com os homens e em utilizar os homens, mas nunca se entregou completamente a

ninguém. Uma parte de seu ser, guardou para ela mesma. Gostei de criá-la. Ela acabou ganhando vida própria. Acho que terá um lugar na literatura brasileira, independente do escritor José Sarney.

• Algumas passagens de "O dono do mar" surpreenderam pela intensa sensualidade. O político Sarney é muito sóbrio. Mas Saraminda é uma mulher vulcânica e o erotismo atravessa o livro com muita força. Como se prepara para reagir diante do espanto?

SARNEY: O amor entre homem e mulher é uma manifestação do belo, e dele não escapam mesmo pessoas muito simples, como Saraminda. Quanto a espantos, será preciso separar as coisas. Nunca permiti que o escritor interferisse na vida política. Da mesma forma, não pode o político intervir na obra do escritor.

• O livro deixa a impressão de que a história da personagem Saraminda sufocou a narrativa histórica. Isso foi deliberado?

SARNEY: O romance histórico, para mim, é uma contrafação do romance. No caso de "Saraminda", a moldura é a história do Contestado, a paisagem, a vida nos garimpos. Mas o centro da narrativa é a história dela, da personagem. E foi assim que eu sempre quis.

• O livro começa com uma bela e triste descrição da cidade de Caiena. A geografia, a vegetação, os costumes, tudo é descrito em minúcias. Como faz sua pesquisa?

SARNEY: Uma obra literária precisa ter fortes amarras culturais. Es-

te romance se passa numa dada realidade histórica, e isso demanda uma grande e exaustiva pesquisa. Li tudo que foi escrito sobre o conflito do Contestado. Sobre Caiena, li sete livros. Quando estive lá, houve algo interessante. O guia que me acompanhava, um historiador local, percebendo que eu já tinha referências da cidade, perguntou: "Quantas vezes já esteve aqui?". Eu respondi: "Estive aqui há 100 anos". A Caiena de "Saraminda", no começo do século, era outra. Estudei-a em detalhes. Todos os produtos mencionados, como Água Inglesa Aubert, existiram mesmo...

• Foi por paixão ou compaixão que o senhor não matou Saraminda no final, deixando o leitor sem saber que fim ela levou?

SARNEY: É um direito do romancista conceder ao leitor a oportunidade de participar da trama. Dei-lhe todos os dados para que tenha condições de escolher o final que mais o agrada. Isso é a obra aberta.

• "Saraminda" será lançado em agosto e a badalação pode aumentar o falatório sobre sua suposta candidatura à presidência do Senado. Acha que o livro pode dar alguma ajuda neste sentido?

SARNEY: Olha, quem acaba de dar a luz a um livro como este, e já se sente extremamente satisfeito mesmo antes do lançamento e das reações da crítica, não está pensando em candidatura alguma. ■

• ERA UMA VEZ UMA MULHER COM SEIOS DE OURO, na página 3